



**O JARDIM SONORO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
PSICOPEDAGÓGICA INSTITUCIONAL – CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
INFANTIL HELOÍSA GUSMÃO**

*Anderson Pereira Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro
andersonmusik30@gmail.com*

Resumo: O presente artigo busca mostrar a implantação do projeto Jardim Sonoro como uma proposta de intervenção psicopedagógica e musical na instituição CMEI – Heloísa Gusmão situada na cidade de Maceió, possibilitando através dele o preenchimento de espaços ociosos externo a salas de aula, estimulando os educandos na interação social e auxiliando as professoras na observação de possíveis dificuldades de aprendizagem, que é o objeto de estudo da Psicopedagogia. Com base nos autores da área Musical, Educação e Psicopedagogia (BRITO, 2003; GAINZA, 1988; SCHAFER, 2011; BOSSA, 1999; VIGOTSKI, 2004) foi construído o projeto. Feita inicialmente uma observação pelo autor, foi construído o Jardim sonoro a partir de materiais reciclados, que foram usados para confecção de instrumentos organizados pelos próprios educandos. Durante o processo, foram observados possíveis dificuldades de aprendizagem relacionadas à cognição, motricidade e interação social. Finalmente, argumento aqui a importância da construção de mais espaços como este, onde nele pode ser gerado além de um momento de lazer, um local de construção de conhecimento musical-educacional.

Palavras-chave: Educação Musical, Intervenção Psicopedagógica, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um relato da construção do Projeto Jardim Sonoro no CEMEI – Centro Municipal de Educação Infantil Heloísa Gusmão. Ele foi desenvolvido a partir do pensamento da música como linguagem e instrumento de intervenção psicopedagógica, objetivando propiciar um desenvolvimento nos aspectos psicopedagógicos e psicomotores: esquema corporal, motricidade ampla, motricidade fina, percepção espacial, percepção temporal e a relação de socialização entre os educandos. Diante dessa perspectiva de intervenção, as crianças acabariam tendo uma experiência de exploração, vivência e construção (sozinhas ou em grupos) através de um processo criativo musical.

Podemos entender que a música empregada nas escolas não é somente aquela usada



como fonte de comando, grade curricular ou cumprimento de calendário festivos, por parte das gestões escolares. No entanto, a música acaba sendo menos explorada de maneira interdisciplinar e eficaz, acabando por não ter sua importância reconhecida e aproveitada no processo de desenvolvimento dos educandos. O projeto Jardim Sonoro foi pensado não somente para os educandos daquele espaço, mas também como possibilidade de orientar e ressignificar para as professoras suas práticas musicais/pedagógicas, o conceito de musicalidade que aqueles educandos daquela faixa etária podem produzir.

Pensamos que esse projeto pode ampliar a visão das professoras sobre as vivências musicais de bebês e crianças da escola, pois nem todas podem ter passado por práticas musicais em sua formação pedagógica, oferecidas por educadores musicais de formação. Com a intervenção do projeto, a produção musical feita pela criança nessa faixa etária poderia ser bem mais acolhida pela professora.

O projeto caracterizou-se por uma proposta de desenvolver a escuta dos educandos, a partir dos sons do ambiente e daqueles produzidos pelas próprias crianças. Para isso, foram confeccionados instrumentos musicais não convencionais (utilizando materiais recicláveis para fazer percussão), que foram empregados na intervenção sobre a “paisagem sonora” do seu entorno.

Durante a fase de construção do projeto, as crianças fizeram escolhas pertinentes à visão de mundo delas, ou seja, o que elas trazem de repertório de vivências. Como Vigotski orienta: “[...] no processo educacional a experiência pessoal do aluno é tudo. E a educação deva ser organizada de tal maneira que não se venha a educar o aluno, mas o próprio aluno se eduque” (VIGOTSKI, 2010, p. 64). A partir dessa perspectiva, as professoras ajudaram os educandos a “afinar seus ouvidos”, aqui usando o termo utilizado por Schafer (1991). E assim, a organização desse espaço educativo ocioso ampliou as possibilidades de experiências lúdicas com os sons, cores, formas e brincadeiras, auxiliando o exercício de uma autonomia de relacionamento social, psicomotor e formação de suas identidades culturais- infantis.

O presente relatório tem o objetivo de registrar as atividades desenvolvidas ao longo da disciplina de Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Institucional, da especialização lato sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Foram registradas as intervenções psicopedagógicas realizadas no Centro Municipal de Educação Infantil Heloísa Gusmão, em



março do ano de 2022, sob a supervisão Profa. MSc. Ana Lúcia Alves do Nascimento.

A MÚSICA NUMA PROPOSTA PSICOPEDAGÓGICA

A música é uma atividade humana que, ao longo dos séculos, desenvolveu-se em múltiplas manifestações, como parte das diversas culturas dos povos. Seu aprendizado foi se transformando nesse processo, indo de práticas de educação informal até ambientes educacionais escolares, por exemplo. Então, tomar a música como um processo histórico educacional é legitimá-la e colocá-la como uma ferramenta de novas concepções pedagógicas, tomando como base a Psicologia Sócio- Histórica (VIGOTSKI, 2004).

Partindo do final do século XIX, a Educação Musical era centrada em o aluno apenas reproduzir os ensinamentos propostos por seu mestre, e esse por sua vez não levava em consideração as particularidades de seu aluno. Durante a primeira metade do século XX, surgiu a conhecida Escola Nova, que trouxe um repensar das práticas pedagógicas, com foco no engajamento dos alunos e na superação de um modelo de ensino centrado em aulas expositivas. Podemos perceber que educadores musicais nessa época trouxeram novas práticas de ensino-aprendizagem musical. Dentre esses, Émile Jacques-Dalcroze, Zoltán Kodály, Edgar Willems, Carl Orff e Shinichi Suzuki propuseram um repensar dessa forma antiga de ensinar música, trazendo um ensino mais reflexivo e centrado no educando. Assim, essa nova concepção propôs um método de ensino mais ativo, objetivando colocar o educando como protagonista em seu processo de aprendizagem musical (GAINZA, 1988).

Diante dos desafios que a Educação Musical vem enfrentado mesmo após essa nova proposta da Escola Nova e propostas de caráter mais progressistas surgidas depois, tendo ainda resquícios de seu modelo eurocêntrico tradicional e verticalizado, praticado por professores de música em escolas brasileiras, acredita-se que uma práxis pedagógica musical, onde a música possa ser uma aliada para o aprendizado e desenvolvimento de crianças durante seu processo de ensino-aprendizagem teria mais benefícios educacionais. Assim, fundamentar a reflexão a partir de teorias que possam discutir essa materialidade musical, unindo-a com a prática psicopedagógica, pode contribuir para um olhar mais global e de transformação em um ambiente escolar.

HISTÓRICO DO CMEI HELOÍSA GUSMÃO

O CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil teve sua fundação no dia 14 de



setembro de 2004, pela Secretaria Municipal de Habitação, tendo como Secretário o Sr. Nilton Nascimento em parceria com a empresa SAMCO Engenharia LTDA, na gestão da então Prefeita Kátia Born, tendo como Secretária de Educação a Prof.^a Ana Paula Saldanha. Teve sua conclusão em março de ano de 2005, já na gestão do Prefeito José Cicero Soares Almeida, a Vice-Prefeita Maria de Lourdes de Lyra e o Secretário Municipal de Educação, Regis Cavalcante.

Com o Decreto de criação nº 6.576, no dia 30 de setembro de 2005, fica criado o CMEI Heloísa Gusmão, que passa a fazer parte do sistema municipal de Educação, na gestão do prefeito do município de Maceió, Cicero Almeida. No dia 26 de janeiro de 2006, foi indicada a Primeira Diretora Geral da Unidade de Ensino, a Prof.^a Etienne Matias de Menezes, concursada, graduada em Educação Física, Pedagogia e Pós- graduada em Psicopedagogia.

A origem do nome se deu para homenagear a professora Heloísa Marinho de Gusmão Medeiros, nascida em 28 de outubro de 1943, em Maceió. Filha de Antonio Marinho de Gusmão e Carmen Vasconcelos Marinho de Gusmão, estudou no Colégio Sacramento, onde dirigiu o jornal, O Farol. Coursou Bacharelado e Licenciatura em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, respectivamente em 1964 e 1965. Fez diversos cursos e especializações, entre eles: curso de extensão de teoria da literatura em 1973, na UFAL; aperfeiçoamento em letras francesas, na UFAL em 1974. E em reconhecimento por seu excelente desempenho, recebeu o título de especialista em Línguas e Literatura Francesa. Lecionou na associação de cultura franco-brasileira em 1963; no colégio Estadual Moreira e Silva, de 1965 a 1969; auxiliou o ensino de Língua e Literatura Francesa do Instituto de Letras e Artes da UFAL, de 1968 a 1972; foi professora-adjunta de Língua e Literatura Francesa no Departamento de Letras e Artes da UFAL, a partir de 1973; professora de Literatura Francesa do Centro de Ensino Superior de Maceió-CESMAC, desde 1976. A professora Heloísa Marinho de Gusmão Medeiros faleceu em Maceió no dia 21 de janeiro de 1989, aos 46 anos.

A construção do prédio do CMEI ocorreu há dezesseis (16) anos e tem um excelente espaço físico que atende às necessidades infantis, excelente iluminação, boa circulação de ar, apesar de estar numa área de difícil acesso, e inacessível aos transportes.



EXPERIÊNCIA E APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

De acordo com Mello (2011), durante o processo educativo são apresentados aspectos necessários para um desenvolvimento e crescimento do educando. A psicopedagogia, como um campo de investigação, está relacionada à aprendizagem, e aqui podemos incluir a musical, e, através dela, podemos identificar e criar opções de intervenção para auxiliar o educando em suas dificuldades de aprendizagem.

A Psicopedagogia, enquanto conhecimento, interessa a todo aquele que se dedica à Educação, na medida em que possibilita uma análise das teorias relacionadas com as ações de aprender e ensinar, não apenas no sentido da prática didático-pedagógica, mas no substrato epistemológico que delas se origina para a formação do sujeito “aprendente”. (BARBOSA, 2010, p. 34).

A intervenção do psicopedagogo pode ser realizada também na escola, por isso o nome Psicopedagogia Institucional, com um caráter preventivo. A Psicopedagogia realiza seu trabalho por meio de processos e estratégias para levar em conta a individualidade do aprendiz, portanto, é uma práxis que se compromete com a melhoria das condições para uma melhor aprendizagem.

Para que um trabalho psicopedagógico tenha sucesso, o profissional deverá considerar os aspectos físicos, emocionais, psicológicos e sociais do indivíduo, e assim segundo Vigotsky (2010, p.27). “A criança não é uma folha de papel em branco, mas uma folha preenchida inteiramente pelos vestígios da experiência biologicamente útil dos antepassados [...]”. A partir disso, propõe que a educação deve se organizar de tal forma que não se eduque o aluno, mas que o próprio aluno possa se educar, tomando como base a sua própria experiência, que é totalmente determinada pelo seu meio social, ou seja:

[...] a experiência pessoal do educando se torna a base principal do trabalho pedagógico. Em termos rigorosos, do ponto de vista científico não se pode educar o outro. É impossível exercer influência imediata e provocar mudanças no organismo alheio, é possível apenas a própria pessoa educar-se, ou seja, modificar as suas reações inatas através da própria experiência (VIGOTSKI, 2010, p. 63).

O psicopedagogo institucional deve contemplar a instituição escolar como um todo. Nesse sentido, Bossa (1999) salienta que o psicopedagogo deve: auxiliar o professor e demais



profissionais nas questões pedagógicas e psicopedagógicas; orientar os pais; colaborar com a direção para que haja um bom entrosamento entre todos os integrantes da instituição e, principalmente, ajudar o aluno que esteja sofrendo, qualquer que seja a causa.

Dessa forma, o trabalho do psicopedagogo não é avaliar e nem examinar a conduta dos professores, mas ajudar e orientar em algumas alternativas pedagógicas. Vale ressaltar que cada instituição tem sua meta, necessidade e expectativa para com seus educandos, e o psicopedagogo deverá percebê-las para tentar suprir essas expectativas educacionais. Entretanto, todos os profissionais deverão confiar e acreditar neste profissional, partindo de uma aceitação a certas mudanças para obter resultados satisfatórios.

O Jardim Sonoro usado como uma intervenção psicopedagógica aconteceu no Centro Municipal de Educação Infantil – Heloísa Gusmão, em Março/2022. Participaram desta intervenção todos os alunos do Maternal I tempo integral, maternal II, I período e II período, ficando de fora apenas o berçário. O motivo da seleção dessa faixa etária foi pelo fato de estarem em uma etapa de desenvolvimento que se enquadrava com a proposta de intervenção- a fase da inteligência sensório-motora, proposta por Jean Piaget. Podemos dizer que, na fase sensório-motora, a criança vivencia corporalmente uma atividade, espontânea, ou seja, os elementos cognitivos e psicomotores caminham lado a lado, sua maturação da oculomotricidade e sua apreensão trará para ela um domínio sobre os objetos, e uma melhor coordenação de seus movimentos.

O local escolhido para a intervenção foi o espaço externo às salas de aula um “jardim” que por hora era um espaço ocioso e sem uma utilização intencional educativa presente no momento. No dia 22 de Março de 2022, em uma reunião pedagógica com a direção, psicóloga escolar e as professoras, foi explanada a proposta de intervenção psicopedagógica denominada de Jardim Sonoro, que mobilizaria todo o corpo docente, educandos e seus pais.

A intervenção psicopedagógica aconteceu em vários momentos, desde a aquisição de materiais, confecção, pintura e a utilização do Jardim Sonoro. Durante a reunião foi questionado como as professoras analisariam as competências de seus educandos. A partir desse questionamento, na semana seguinte foi elaborado um Barema pela Psicóloga Escolar e o estagiário. Este instrumento (barema) tem como finalidade propiciar uma avaliação por competências que futuramente será um importante instrumento para verificar como foi



atuação do/a aluno\a durante o desenvolvimento do projeto implantado na escola. E assim, as professoras poderiam se beneficiar desse momento para o exercício de suas percepções em relação a competência adquirida pelos educandos. Como postulado por Oliveira (2014, p.125): “Uma criança pode ter a idade motora corespondente á sua idade cronológica em coordenação e equilíbrio, esquema corporal, mas apresentar uma defasagemem relação á lateralidade, orientação espacial ou temporal”

A proposta do Jardim Sonoro foi levar para dentro do CMEI - Heloísa Gusmão a música, o lúdico, a formação das Professoras e a intervenção psicopedagógica sonora no espaço externo da unidade, numa ação conjunta de toda a equipe escolar. Com a ajuda de um formador, que viabilizou o estudo para as educadoras e propôs discussões e reflexões sobre as ações que aconteceram com as crianças durante o contato com esse espaço. Foi uma ocupação dos espaços com brinquedos sonoros construídos por diferentes atores, sobretudo as crianças. Para Vigotski (2007, p. 94), o ser humano aprende por meio das suas interações sociais, através das quais adquire habilidades cognitivas e defende que: “[...] o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”. Consequentemente, ainda Vigotski (2007, p. 95): “[...] aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”.

Dessa maneira, se teria um melhor aproveitamento do espaço externo da CMEI – Heloísa Gusmão, que poderia ser explorado pelas crianças e servir como estudo pelas Educadoras, ampliando a ludicidade na unidade. Desta forma, os bebês, crianças e Educadoras experimentaram, pesquisaram e principalmente brincaram com os sons e a música em suas diferentes formas: pesquisa sonora, objetos sonoros encontrados no cotidiano dos educandos, e assim, surgindo uma socialização entre as crianças. As Educadoras poderiam trabalhar aspectos psicopedagógicos e psicomotores: esquema corporal, motricidade ampla, motricidade fina, percepção espacial, percepção temporal. Segundo Oliveira (2014), quando uma criança é bem estimulada pode-se vir a corrigir certas defasagens, pois essa falta de uma experiencia motriz acaba levando-a a uma defasagem em relação as outros que o cercam.

Na semana seguinte, a Psicóloga, um funcionário do apoio administrativo e o estagiário saíram em direção a uma cooperativa de reciclagem localizada no fundo da escola,



e ali foram recolhidos alguns materiais doados pela cooperativa que seriam usados para a confecção dos materiais da intervenção. Os materiais usados foram: latas, garrafas pet, tampinha de garrafa, garrafão de água, lata de tinta, talheres (de madeira ou metal), pallets, grãos, corda de varal, barbante, tintas, panelas velhas.

Como supracitado anteriormente, a intervenção aconteceu em vários momentos, um desses momentos foi na confecção de cortinas de tampinhas e canudos e o preenchimento de grãos dentro de garrafas pets, a maioria confeccionado pelas crianças do maternal I e II. Em outro momento, os períodos I e II trabalharam a pintura com carimbos na base dos pallets que já estavam pintados. Todas essas ações foram acompanhadas pelas Educadoras de sala e o estagiário. Toda construção como: a pintura, recorte entre outras atividades, foi realizado pela criança, e serviu como uma grande fonte de observação e futura intervenção no que se refere ao esperado para cada etapa do desenvolvimento infantil.

A perspectiva da teoria sócio-histórica de Vigotski foi um importante aporte teórico na implementação do projeto. Sua teoria trouxe um repensar mais humanizado sobre a produção musical dos educandos daquele espaço educacional. O Jardim Sonoro contribuiu unindo o lúdico ao intelectual, onde a experiência sonora não possuiu regras ou técnicas musicais tradicionais, e com isso permitindo uma vivência musical espontânea, simples e divertida, diante disso, as professoras observaram que podemos conceber a educação-música como algo inseparável, partindo do pressuposto de que não existe uma dicotomia entre educação e música.

Desenvolver esse projeto sobre a base da Perspectiva Sócio-histórica é tentar trazer a dialética dessa educação-música. Dessa maneira tentar romper, em certa medida, com uma educação musical que por muitas vezes é pautada em uma simples repetição de lições apreendidas em livros. Abandonar esse tipo de pedagogia musical tecnicista na educação infantil é estimular ludicamente a zona de desenvolvimento proximal do educando. Assim sendo, Vigotski (2008) releva que: “[...] Com o auxílio de uma outra pessoa, toda criança pode fazer mais do que faria sozinha – ainda que se restringindo aos limites estabelecidos pelo grau de seu desenvolvimento [...]” (p. 129). Com isso, o despertar nesta fase será bastante intenso, como observado pelas professoras durante a exploração do jardim sonoro pelas crianças.



Durante a exploração do espaço, foi observado que a interação entre as crianças e suas professoras aumentou de forma significativa.

Como dito anteriormente as professoras tiveram um papel importante no jardim sonoro, não somente na organização do espaço. Elas estimularam a imaginação e a criatividade dos educandos, não deixando eles serem meros reprodutores passivos daquele ambiente. As professoras buscaram incentivá-los a: vivenciar, improvisar, extrair sons, relacionar os sons com ambiente externo, e estimular um sentimento estético-musical que pode vir a ser um valioso caminho para o desenvolvimento de sua aprendizagem na música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a intervenção realizada na CMEI nos permite algumas conclusões. Uma delas é que todos podem participar do fazer musical, quebrando com a concepção de que isso seria para poucos ou somente para crianças talentosas. Com base na Perspectiva Sócio-histórica de Vigotski na construção do jardim Sonoro, defendemos que todos seres humanos possuem internamente uma possibilidade artística criadora, e que, com o auxílio e mediação das professoras, pode ser desenvolvida, e que essa discussão sobre o que é talento pode e deve ser revista/ refletida.

Pensar a Educação Musical a partir da Psicopedagogia pode ser uma estratégia interessante por permitir observar uma importante interação da criança com seus pares. Desta forma o psicopedagogo direcionado sua intervenção musicalmente pode observar e orientar a determinadas crianças que seu aprendizado não é menos significativo do que a de seus colegas de sala. Com isso, ameniza o peso que muitas vezes é colocado no processo educacional, onde seu conhecimento deve ultrapassar o do outro para poder destacar-se para o adulto. Desse modo, essa atitude pode ser quebrada dentro do espaço educacional que por muitas vezes está enraizado em discursos, mesmo que de maneira inconsciente.

Entendemos que, sobretudo na Educação Infantil, a colaboração da Psicopedagogia com o auxílio da música mostra um novo pensar sobre o processo musical desses educandos, que leva sua experiência em consideração, olhando como algo importante suas questões sociais, históricas e culturais. Buscando conceber essa musicalidade como uma função psicológica superior, pois, como postulado por Vigotski, a aprendizagem humana ocorre



durante a interação social, ou seja, um resultado entre a criança e seu meio cultural. Assim, essa interação das crianças e professoras – grupo social – resultara em uma vivência que por sua vez trará um desenvolvimento das funções psicológicas superiores. As funções Psicológicas Superiores são as experiências adquiridas pelo sujeito mediante a utilização de instrumentos físicos e simbólicos. Podemos aqui citar alguns exemplos de Funções Psicológicas Superiores que são unicamente humanas, como: a memória, atenção, capacidade de planejamento, raciocínio dedutivo e o pensamento musical

Portanto, reforçando as ideias dos autores da Pedagogia Musical e da Psicopedagogia citados neste texto, o intuito da intervenção usando a proposta do Jardim Sonoro foi de criar um espaço musical onde as crianças poderiam ‘compor’ suas músicas de forma muito mais livre, aproximando a brincadeira do aprendizado. Este espaço trouxe um desenvolver social e musical mais natural possível, fugindo de regras musicais tradicionais, que poderiam romper com a ideia do projeto. Diante disso, oportunizou os educandos em estímulo, experiência e interesse nas práticas musicais que muitos poderiam não ter acesso.

O Jardim Sonoro veio proporcionar ao CEMEI além de uma reflexão psicopedagogia musical, uma utilização de um espaço ocioso dentro da própria instituição. Acerca das reflexões podemos citar; um debate sobre a sonoridade de instrumentos não convencionais, sustentabilidade e a descoberta do explorar musicalmente feito pelos educandos. Além disso, a paisagem sonora explorado pelos educandos possibilitou aumento de repertório sonoro, trazendo para eles contribuições e experimentações na criação, liberdade e de uma socialização.

Assim, acredito que, a partir das considerações promovidas aqui, será possível refletir e tentar conceber uma musicalidade nestes centros de educação infantil – especialmente no Estado de Alagoas – com um olhar mais direcionado para a vivência musical trazido pelos educandos.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria L. S.: Psicopedagogia e Música: Revisão Bibliográfica. I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO Riode Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010.

BRITO, T. A. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BOSSA, Nadia Aparecida. A psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GAINZA, V. Hemsy de. Estudos de Psicopedagogia Musical. São Paulo: Summus, 1988.

MELLO, Maria I. de S. A. A música como instrumento de intervenção psicopedagógica. Venletrarte, Anais. Campos dos Goytacazes – RJ. Outubro de 2011.

OLIVEIRA, Gislene de C. Avaliação psicomotora à luz da psicologia e da psicopedagogia. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, C. B. C.; BATISTA, S. H. S. S. Apresentação. In: MARTIN, S. T. F. (Org.). Psicologia sócio-histórica e contexto brasileiro: interdisciplinaridade e transformação social. Goiânia: Editorada PUC Goiás, 2015, p. 7-10.

SCHAFFER, R.M. A afinação do mundo. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

VIGOTSKI, L. S. Teoria e método em psicologia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia pedagógica. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.